

Juventudes e Cultura Periférica: Possibilidades para o ensino de Geografia**Youth and Peripheral Culture: Possibilities for Geography education**Ana Carolina dos Santos Marques¹**Resumo**

O artigo objetiva debater o potencial educativo e os saberes que circulam nos coletivos da cultura periférica, identificando temas que podem ser abordados como conteúdos na Geografia Escolar. Com base no entendimento de que a cultura periférica se apresenta como um espaço de educação não formal, no qual as juventudes são protagonistas e reivindicam o reconhecimento de que são agentes da transformação do espaço geográfico, pretende-se demonstrar as possibilidades de diálogo com os conteúdos trabalhados na educação formal, especificamente no ensino de Geografia. Assim, as barreiras entre esses espaços poderão ser rompidas, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativos para as juventudes escolares. Os procedimentos metodológicos incluem trabalhos de campo em eventos da cultura periférica e o mapeamento de coletivos, além da seleção de raps e poesias que estabelecem interlocução com a Geografia. As proposições dialogam com as habilidades e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo a evidenciar a sua pertinência pedagógica. O texto está estruturado em três partes principais: a discussão da importância das práticas espaciais juvenis; o debate sobre os jovens escolares e a centralidade do ensino de Geografia; e a apresentação das possibilidades de utilização da cultura periférica. Conclui-se que, como conteúdo, a cultura periférica contribui para a abordagem das categorias, conceitos e temas relacionados ao espaço urbano; como ferramenta metodológica, possibilita a produção de raps e poesias como forma de construção do conhecimento geográfico; e, como recurso didático, os conteúdos das produções artísticas podem ser problematizados em sala de aula.

Palavras-chave: Cultura periférica; Jovens escolares; Práticas espaciais; Base Nacional Comum Curricular; Geografia Escolar.

Abstract

The article aims to discuss the educational potential and the forms of knowledge circulating within peripheral culture collectives, identifying themes that can be addressed as content in School Geography. Based on the understanding that peripheral culture constitutes a space of non-formal education, in which young people play a leading role and seek recognition as agents of the transformation of geographical space, the study seeks to demonstrate the

¹ Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: ana.marques@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4285-7654>.

possibilities for dialogue between these experiences and the content taught in formal education, particularly in Geography education. In this way, the barriers between these spaces may be overcome, making the teaching and learning process more meaningful for school youth. The methodological procedures include fieldwork conducted at peripheral culture events and the mapping of collectives, as well as the selection of rap songs and poems that establish a dialogue with Geography. The proposals are aligned with the skills and competencies established by the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC), highlighting their pedagogical relevance. The text is structured into three main sections: a discussion of the importance of youth spatial practices; a debate on school youth and the centrality of Geography education; and a presentation of the possibilities for the use of peripheral culture. The study concludes that, as content, peripheral culture contributes to the approach of categories, concepts, and themes related to urban space; as a methodological tool, it enables the production of rap songs and poems as a means of constructing geographical knowledge; and, as a didactic resource, the content of artistic productions can be critically examined and discussed in the classroom.

Keywords: Peripheral culture; School youth; Spatial practices; Brazilian National Common Curricular Base; School Geography.

Introdução

O presente artigo parte da problemática: De que maneira os saberes produzidos e compartilhados nos coletivos da cultura periférica podem contribuir para o ensino de Geografia? Defendemos que a cultura periférica pode ser entendida como um espaço educativo não formal, pois as juventudes pautam diferentes discussões nos eventos culturais, expressam suas experiências através das músicas e poesias e abordam assuntos importantes para compreender a sociedade contemporânea: racismo, discriminação de gênero, desigualdade socioespacial, periferia, violência e seus próprios anseios enquanto jovens. Assim, por meio da sociabilidade, do lazer e da cultura, jovens, com diferentes trajetórias de vida espacializada, socializam e constroem conhecimentos.

Nesse sentido, o objetivo do texto é discutir o potencial educativo e os saberes que circulam nos coletivos da cultura periférica, identificando as possíveis interlocuções com a Geografia Escolar. Desdobram-se objetivos específicos: debater esta cultura como ferramenta teórico-metodológica e recurso didático; elencar categorias, conceitos e temas que podem ser

abordados em sala de aula a partir da cultura periférica; demonstrar a relevância das práticas espaciais da cultura periférica na constituição das identidades das/os jovens escolares.

Sendo a escola um espaço central no contexto geográfico em que as juventudes se realizam, encontrar formas de dialogar com as vivências que as/os jovens possuem fora do espaço escolar é imprescindível para tornar a instituição mais significativa. Incorporar a cultura periférica como conteúdo, ferramenta metodológica ou recurso didático representa uma forma de superar a distância entre os espaços formativos formais (escola) e não-formais (coletivos culturais). A partir desse diálogo, as/os jovens escolares terão a oportunidade de utilizar linguagens comuns aos seus cotidianos para compreender os conteúdos geográficos, que comumente são abstratos para elas/es.

A interlocução entre Geografia Escolar e cultura periférica também possibilita que as/os jovens escolares se entendam como protagonistas da transformação do espaço geográfico. As juventudes da cultura periférica instituem práticas espaciais nas cidades brasileiras que exprimem insurgências à ordem hegemônica de poder que cerceiam as espacialidades das/os jovens. Há a apropriação de espaços públicos, os deslocamentos pelas cidades, as intervenções urbanas por meio de grafites e a produção de centralidades, ações que transformam o espaço urbano, reivindicam uma cidade mais justa e equitativa e disputam o que é entendido como cultura e periferia.

Desse modo, o artigo está estruturado em três partes principais, além de introdução, metodologia e considerações finais. Inicialmente, discutimos a importância de refletir sobre as práticas espaciais juvenis para compreender as cidades e as/os jovens, apresentando ainda a cultura periférica como ação particularmente juvenil. Destarte, abordamos as/os jovens escolares e o ensino de Geografia, debatendo a função e a pertinência dessa disciplina na formação cidadã. Por fim, apresentamos possibilidades de utilização da cultura periférica como ferramenta metodológica ou recurso didático, além de elencarmos os conteúdos que podem ser abordados em sala de aula, relacionados às habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e os procedimentos metodológicos incluem: leitura e fichamento bibliográfico de produções que debatem juventudes, cultura periférica, ensino de Geografia e práticas espaciais; trabalhos de campo em eventos da cultura periférica; mapeamento de coletivos; e seleção de raps e poesias, com interpretação dos conteúdos apresentados. Faz-se importante destacar que reunimos experiências e resultados de pesquisas anteriores com o intuito de apresentá-las como possibilidades neste texto.

Nos últimos anos (2018-2024), trabalhos de campo foram realizados em eventos da cultura periférica de diferentes cidades, como Londrina (PR), Presidente Prudente (SP) e São Paulo (SP), no âmbito de pesquisas que possuíam o objetivo de investigar a organização dos eventos, a sociabilidade juvenil e as práticas espaciais juvenis que são desencadeadas pela cultura periférica, mas também a originam. Esses trabalhos de campo possibilitaram entender os potenciais diálogos que podem ocorrer entre a cultura e a Geografia Escolar, dada nossa proximidade também com os estudos sobre ensino de Geografia.

A partir dos trabalhos de campo e do levantamento dos coletivos existentes nas cidades investigadas, foram elaborados mapas que representam a espacialização da cultura periférica em Londrina, Presidente Prudente e São Paulo, a relação com dados socioeconômicos das cidades e os deslocamentos realizados pelas juventudes entre casa e espaço público. Neste texto, apresentamos um mapa da cultura periférica de São Paulo, a fim de demonstrar quais os conteúdos geográficos que podem ser trabalhados com base no produto cartográfico.

O debate sobre as possibilidades de interlocuções é respaldado nas habilidades e competências elencadas na BNCC, considerando que o documento é um dos principais direcionadores do planejamento escolar na atualidade. O foco foi atribuído à Geografia para o Ensino Fundamental - Anos Finais e às Ciências Humanas para o Ensino Médio.

Raps e poesias foram selecionados para exemplificar como as discussões que as/os artistas realizam em suas produções podem ser relacionadas aos conteúdos da Geografia

Escolar. Organizadas em quadros, apresentamos trechos das produções, bem como quais temas e conceitos a/o professora/or de Geografia pode ensinar em sala de aula. Com as sugestões elencadas neste texto, objetivamos apresentar caminhos às/aos professoras/es de Geografia, contudo, destacamos que as possibilidades são múltiplas e não se restringem à abordagem aqui realizada.

Práticas espaciais juvenis e a cultura periférica

A cultura periférica é *produzida por e produtora de* práticas espaciais, especialmente juvenis. Consideramos que se trata de uma cultura juvenil por ser elaborada majoritariamente por jovens, que realizam suas juventudes nos coletivos culturais, que por sua vez, proporcionam a elas/es experiências típicas da condição juvenil, tais como a sociabilidade, a constituição de identidades e a possibilidade de instituir espacialidades mais autônomas. Nesse sentido, investigar, refletir e interpretar as práticas espaciais juvenis, relacionadas à cultura periférica, evidencia-se como relevante, pois as/os jovens são agentes da transformação do espaço geográfico.

Segundo Souza (2013, p. 241), as práticas espaciais são “[...] práticas sociais em que a espacialidade (a organização social, a territorialidade, a ‘lugaridade’...) é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados”. Revelam a dialética e a indissociabilidade existente entre sociedade e espaço geográfico. Referem-se aos traços sociais inscritos no espaço, ou seja, às ações espacializadas. Por este motivo, são carregadas de histórias, símbolos e identidades. Para Lefebvre (2013), as práticas espaciais, como uma dimensão da dialética do espaço, expressam a materialização dos aspectos, elementos e momentos da prática social, assim elas produzem espaço e dizem respeito à sua dimensão percebida, ou seja, a realidade cotidiana. Elas garantem a continuidade da produção e reprodução do espaço.

As/Os jovens são sujeitas/os que instituem práticas espaciais que não estão ligadas somente ao habitar, estudar e trabalhar, como as de muitas pessoas. Faz parte da experiência

juvenil intensificar os deslocamentos pelo espaço em busca da sociabilidade, o que associa as suas espacialidades ao lazer e à cultura e implica na apropriação de espaços que não foram inicialmente concebidos para a expressiva presença juvenil, desse modo, suas ações tornam-se fortemente marcadas por enfrentamentos e resistências, que merecem atenção.

Segundo Turra Neto (2015, p. 128) “[...] a juventude, para poder existir, precisa ser praticada entre jovens, o que inclui práticas de espaço”. As/Os jovens constroem suas redes de sociabilidade e se movimentam pela cidade em grupos, principalmente no tempo livre (Turra Neto, 2008). Há uma potencialização das práticas espaciais que, além de serem individuais, são sobretudo coletivas e fazem parte da elaboração das juventudes.

A partir de Carrano (1999), Dayrell (2003), Pais (2003) e Turra Neto (2015), entendemos juventude como uma condição social que, segundo Santos (2022), vincula-se à idade, mas não se restringe a um momento biológico, envolve também construções simbólicas. Nesse sentido, Pais (2003) defende pensar juventudes a partir de duas direções: enquanto aparente “unidade”, ao nos referirmos a fase de vida; e como diversidade, por ser articular a atributos sociais e culturais que diferenciam as/os jovens. Trata-se de um momento na trajetória biográfica das/os sujeitas/os, em que possuem experiências típicas dessa fase de vida e que impactam mais intensamente em suas identidades, como a construção de redes de sociabilidade e a participação em culturas juvenis.

No processo de se fazer jovem e vivenciar a juventude, as/os sujeitas/os precisam instituir práticas espaciais. Barbosa (2013, p. 2) destaca que se apropriar do espaço é uma condição para ser jovem, bem como “[...] diverso, desigual e diferente”. Desse modo, as juventudes precisam ser interesse da Geografia. Segundo Oliveira (2024, p. 4) há uma relação entre o fenômeno da juventude e a leitura espacial, que pode ser realizada a partir de categorias de análise como lugar “[...] ao pensar na juventude a partir dos seus espaços de identidade e pertencimento”, e território “[...] a partir das disputas espaciais, das apropriações que muitos desses corpos jovens precisam fazer para ocuparem determinados espaços, incluindo os espaços educativos, como as escolas e as universidades”.

Nesse sentido, a cultura periférica pode ser entendida como uma cultura juvenil que cria espaços de identidade e pertencimento, e que também é marcada por disputas espaciais no processo de apropriação dos espaços da cidade. De acordo com Cassab (2021), as/os jovens produzem a cidade a partir de sua condição juvenil, assim, suas trajetórias se cruzam com as de outras/os jovens, o que potencializa a instituição de suas espacialidades.

Todavia, jovens ainda são entendidos como estranhas/os: “[...] o espaço urbano configura-se a partir do ponto de vista do adulto, e suas normas estão configuradas pelo olhar adultocêntrico, alcançando a vida cotidiana dos jovens” (Cassab, 2021, p. 255). Dessa forma, as culturas juvenis, os estilos e a experiência urbana das/os jovens são alvo de barreiras socioespaciais, ou seja, cerceamentos impostos pelos agentes hegemônicos e expressos em limites materiais e imateriais, tais como mobilidade urbana precária, dificuldades de apropriação do espaço público e um imaginário adultocêntrico de quem deve frequentar os espaços (Marques, 2024).

Entendemos a cultura periférica como o conjunto de práticas artísticas e culturais denominadas como marginais e/ou periféricas e praticadas majoritariamente por jovens periféricas/os. Trata-se de um termo amplo, mas nosso foco é em um movimento apresentado por D’Andrea (2022, p. 81), que começou a ser gerenciado nas periferias paulistanas na década de 1990, permitindo que jovens mudassem suas trajetórias de vida ao compreenderem a arte como possibilidade, esse processo deslocou a posição periférica de estigma para orgulho e se apresentou como uma forma de “[...] fazer política por meio de atividades culturais e artísticas, consolidando a periferia como um modo compartilhado de estar no mundo, um posicionamento político e um discurso ressemantizador sobre o que venha a ser periferia”.

Desse modo, investigamos a cultura periférica produzida pelas *batalhas de rima*, *slams* e *saraus* que emergiram às margens dos grandes centros de produção de conhecimento e de cultura nacional. As manifestações possuem a palavra como central e se constituem em agrupamentos de jovens em espaços públicos com o objetivo de rimar e poetizar. Além disso,

envolvem artistas, projetos culturais, produtos artísticos e redes de articulação e comercialização.

As batalhas de rima estão ligadas ao movimento Hip Hop e são competições de rap improvisado. Os slams são competições de poesia falada e performada. Por sua vez, os saraus são reuniões culturais de compartilhamento de expressões artísticas como poesia, música, dança e teatro. As pessoas da cultura periférica são, majoritariamente, jovens, negras/os, empobrecidas/os e residentes nas periferias, que convivem diariamente com injustiças socioeconômicas e encontram nas manifestações uma possibilidade de se expressarem e reivindicarem melhores condições de vida. São jovens organizadas/os em coletivos culturais, que possuem uma dimensão política.

Dentre as práticas espaciais instituídas pelas/os jovens na e a partir da cultura periférica podemos elencar: os eventos que reúnem pessoas de diferentes locais das cidades; a apropriação dos espaços públicos; os deslocamentos pela cidade em busca dos coletivos; os circuitos alternativos de comercialização de livros, fanzines e outros produtos; e os campeonatos em nível local, estadual, nacional e internacional. Desse modo, a cultura periférica se realiza no espaço geográfico, bem como as/os jovens elaboram suas juventudes, caracterizando um duplo movimento.

Tendo em vista sua relevância na vida das/os jovens e na transformação do espaço geográfico, defendemos que a cultura periférica tem potencialidades para ser discutida no ensino de Geografia, tanto como conteúdo quanto como ferramenta teórico-metodológica e/ou propostas didáticas.

Jovens escolares e o ensino de geografia

Assim como a cultura periférica forma a condição juvenil de muitos jovens, a escola também participa desse processo, inclusive, possuindo atuação mais ampla, por ser um espaço educativo e de socialização de crianças, adolescentes e jovens. Uma parte da experiência juvenil é vivida nos espaços escolares, em especial, entre os 15 e 18 anos, no final do Ensino

Fundamental - Anos Finais e durante o Ensino Médio. Faz-se necessário refletir sobre as vivências juvenis nas instituições de ensino, segundo Dayrell (2007), as/os jovens levam à escola o conjunto de suas experiências sociais que caracterizam sua condição juvenil, que por sua vez, influencia a experiência escolar.

Cavalcanti (2023) contribui para este debate ao discutir sobre jovens escolares, que são sujeitas/os ativas/os no processo de aprendizagem e que produzem conhecimentos e simbolizações em suas vidas cotidianas, cabe à escola ampliar esses saberes a partir do diálogo com os conhecimentos científicos das disciplinas, tornando a experiência escolar significativa e fazendo parte da constituição do que é ser jovem.

Dayrell (2007) chama a atenção para o conflito que há entre a/o jovem contemporânea/o e os modelos tradicionais de ensino e de escolas. Nas palavras do autor, o “tornar-se estudante” consiste em construir sua experiência como tal, em que a mediação com a condição juvenil é necessária, a/o jovem precisa “[...] definir a utilidade social dos seus estudos, o sentido das aprendizagens e, principalmente, seu projeto de futuro” (Dayrell, 2007, p. 1120). Esta não é uma tarefa fácil, pelo contrário, é tensa, complexa e não depende somente da/o estudante.

Por isso, a concepção de juventudes defendidas pelas escolas e pelas/os professoras/es é relevante. As/Os jovens precisam ser entendidas como sujeitas/os sociais (Dayrell, 2003), diversas/os e que podem contribuir para a construção de conhecimentos e para a luta pela transformação da sociedade, assim os caminhos pedagógicos adotados serão pensados como forma de potencializar os saberes que já circulam entre as juventudes. De acordo com Cavalcanti (2023, p. 165):

[...] a escola deve ser uma experiência significativa para os jovens, que contribua efetivamente para seu projeto de vida, de identificação, de socialização, de inserção social, para que construam para si projetos conscientes de vida e que se instrumentalizem teoricamente para que possam e saibam lutar para realizar esses projetos. É importante, pois, que os jovens sintam que têm significado para eles o que estudam na escola, o

que fazem na escola e nas aulas: para isso são necessárias e muito potentes as ligações entre o que é estudado na escola e a vida cotidiana desses jovens.

Desse modo, defendemos que a cultura periférica, articulada aos conteúdos da Geografia Escolar, pode contribuir para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativos para as/os jovens escolares. Por ser elaborada majoritariamente por jovens, mobiliza linguagem e estética atrativa às juventudes, por dialogar com seus repertórios culturais e experiências cotidianas. Há estudantes diretamente envolvidas/os com batalhas de rima, slams e saraus, enquanto outras/os acessam essas manifestações por meio da internet. Além disso, as/os estudantes que não integram ou não demonstram interesse pela cultura periférica poderão, por meio de sua inserção no contexto escolar, entrar em contato com saberes que circulam entre as juventudes e entendem jovens como agentes da transformação do espaço geográfico.

Segundo Cavalcanti (1998, p. 128), a função do ensino de Geografia é contribuir para que as/os estudantes aprendam a ler e analisar criticamente o espaço geográfico, constituindo uma consciência espacial que “[...] é mais do que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do humano genérico”. Em suma, o ensino de Geografia precisa proporcionar que a/o estudante entenda o mundo e, principalmente, sua posição nele, para que atue de modo crítico e reflexivo.

Em diálogo, Damiani (2006) defende que por meio da formação de uma consciência espacial, e sobretudo geográfica, a/o estudante pode se reconhecer enquanto cidadã/ão e sujeita/o social que se apropria e produz o espaço, entendendo seus conteúdos, intencionalidades e contradições.

A cultura periférica evidencia-se como um dos caminhos para que as/os estudantes compreendam sua posição no mundo e atuem conscientemente a partir dela. As juventudes que integram o movimento cultural se apropriam das cidades e produzem/circulam saberes que estimulam a compreensão de temas sociais e a constituição de identidades. O interesse

por assuntos que afetam a sociedade e expressam desigualdades é um dos motivos que levam muitas/os jovens ao encontro da cultura, para além do lazer e sociabilidade.

Nesse sentido, as/os jovens, em interação com seus pares, são incentivadas/os a constituir-se como cidadãos/ãos. Ao mesmo tempo, para continuarem produzindo e recriando a cultura, precisam negociar suas existências nos espaços públicos e compreender as relações de poder que estruturam as cidades. Nesse contexto, o ensino de Geografia pode contribuir para a compreensão das intencionalidades presentes na produção do espaço geográfico, favorecendo um processo em que as/os jovens reconhecem sua posição no mundo e têm a oportunidade de potencializar suas ações como sujeitos capazes de intervir e transformar a realidade socioespacial.

Para que esse movimento aconteça, faz necessário refletir sobre a concepção de juventudes que as/os professoras/es de Geografia possuem, considerando que “[...] compreender os/as jovens em sua complexidade interfere no trabalho docente e pode contribuir para melhor relação professor-aluno, maior envolvimento dos alunos e com isso melhor resultado do ponto de vista da sua aprendizagem” (Cavalcanti, 2023, p. 162).

É fundamental que as/os professoras/es de Geografia, bem como de outras disciplinas, entendam as/os jovens como sujeitas/os ativas/os na transformação do espaço. Segundo Abramo (1997), há uma dificuldade de considerar jovens como sujeitas/os, na opinião pública, as juventudes são comumente associadas a ideias de problemas sociais, irresponsabilidade e instabilidade. Conforme Dayrell (2003) nos alerta, não podemos pensar em juventude somente como uma condição de transitoriedade, uma preparação para a vida adulta. As/Os jovens vivem o presente e precisam que suas existências sejam reconhecidas.

A formação de um campo na ciência geográfica denominado Geografia das Juventudes (Oliveira, 2023) já denota a importância de refletir sobre as espacialidades juvenis. Nesse sentido, é necessário que a/o professora/or de Geografia compreenda que as/os jovens instituem espacialidades, modificam o espaço, são plurais e contraditórios, possuem acepções de mundo relevantes, formam redes de sociabilidade, elaboram culturas juvenis e possuem

projetos de futuro que precisam ser foco de atenção para pensarmos em uma sociedade e em cidades mais justas.

Interessa compreender como suas práticas espaciais se relacionam com um espaço estruturalmente adultocêntrico e quais suas estratégias de resistência, bem como é necessário ensinar sobre esse tema para jovens escolares que estão se constituindo em diferentes locais, mas principalmente na escola. A próxima seção apresenta possibilidades para o ensino de Geografia que dialogam com a ideia defendida de abordar a cultura periférica em sala de aula em busca de uma concepção de juventudes que as valorize.

Cultura periférica como conteúdo, ferramenta metodológica e recurso didático: possibilidades para o ensino de geografia

A cultura periférica pode ser construída enquanto um conteúdo geográfico escolar, ferramenta metodológica e/ou recurso didático. Como conteúdo geográfico, pode ser associada ao ensino das categorias e das dinâmicas urbanas. Como ferramenta metodológica, pode organizar a dinâmica das aulas, envolvendo, por exemplo, a elaboração de raps e poesias sobre os conteúdos apreendidos. Como recurso didático, a/o professora/or pode utilizar poesias, raps e vídeos de apresentações. Nesta seção, apresentamos sugestões de como o trabalho pode ocorrer.

A BNCC define as aprendizagens fundamentais que as/os estudantes devem adquirir ao longo de suas trajetórias escolares. À Geografia cabe desenvolver um raciocínio geográfico para que compreendam os arranjos espaciais existentes, estabelecendo relações entre os componentes físico-naturais, as ações humanas e as relações entre grupos sociais (Brasil, 2018).

A escolha de articular os saberes gerados na/pela cultura periférica à BNCC ocorre em razão da exequibilidade das propostas no contexto escolar. Todavia, faz-se necessário estabelecer ressalvas ao documento que rege a educação básica na atualidade. Conforme Soares e Mello (2024), a BNCC possui um viés predominantemente tecnológico, tecnicista e

neoliberal, que tem a intenção de regular, padronizar e homogeneizar o campo educacional para atender às demandas capitalistas. Nesse sentido, o documento também produz discursos e significados sobre a condição juvenil, sendo comum que as/os jovens sejam entendidas/os como a mão-de-obra futura.

Um elemento importante presente na BNCC - Ensino Fundamental Anos Finais é que a Geografia contribua para o delineamento do projeto de vida das/os jovens estudantes através do entendimento da produção social do espaço. Por sua vez, a BNCC - Ensino Médio destaca que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, à qual pertence à Geografia, deve favorecer o protagonismo juvenil para que as/os estudantes acionem os aprendizados e construam projetos de futuro.

Entretanto, Lopes (2019) destaca que esse protagonismo juvenil é limitado, em função de ser submetido a itinerários formativos preestabelecidos e que são ofertados conforme possibilidades das escolas e redes. Somado a isso, a autora pontua que, a organização curricular baseada em competências também possui problemas ao estabelecer um registro instrumental de um saber-fazer, que controla os projetos de futuro das/os jovens por meio de metas.

Nesse âmbito, Soares e Mello (2024) discutem que há práticas de resistência possíveis, por exemplo, a partir de práticas pedagógicas humanizadoras. Refletir sobre as concepções de juventudes, entender as/os jovens como sujeitas/os sociais, valorizar as experiências juvenis e considerar as diversidades, anseios e contradições, são ações que caminham na direção de projetos de educação mais críticos. Soma-se a incorporação das culturas juvenis, como a cultura periférica, nas práticas pedagógicas, tornando-as mais significativas e próximas da realidade das/os estudantes. Inclusive, a BNCC determina as culturas juvenis como elemento relevante para compreender as juventudes e as novas formas de existir, além de destacá-las como conteúdo e/ou recurso didático que pode ser utilizado para ampliar o repertório das/os jovens escolares (Brasil, 2018). Vejamos como a cultura periférica pode ser aliada no ensino de Geografia.

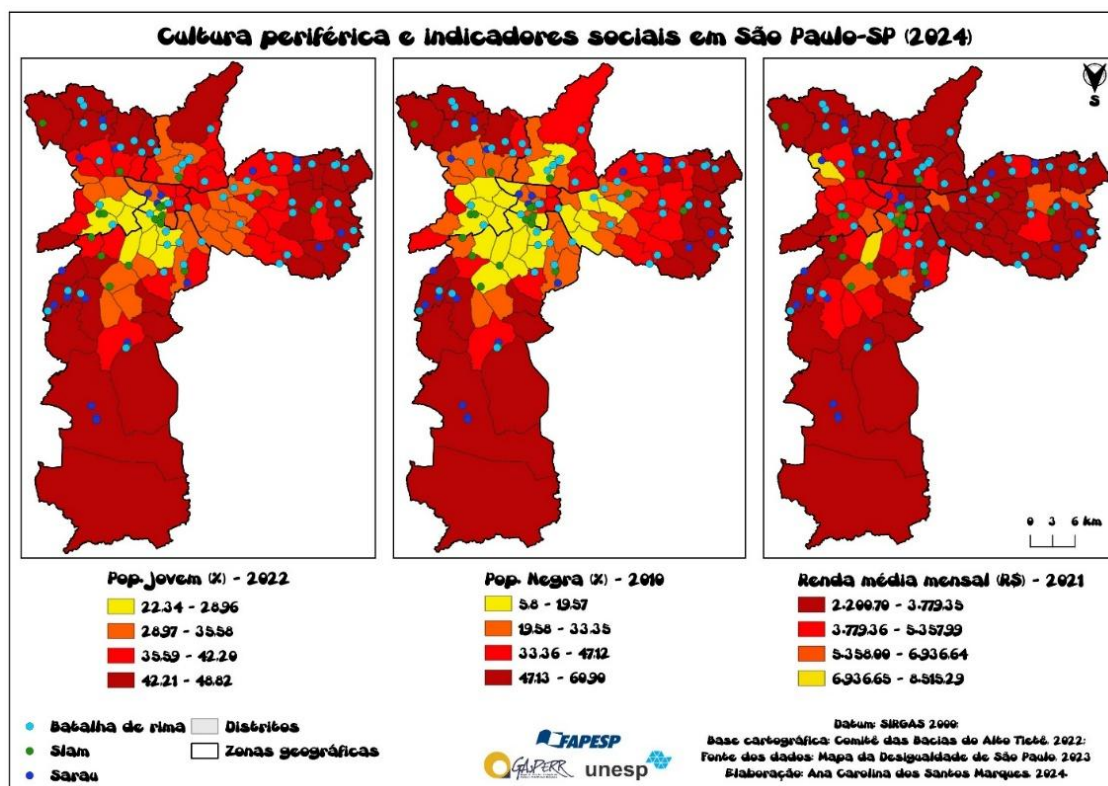
Diálogo entre conteúdos da geografia escolar e a cultura periférica

As práticas espaciais juvenis da cultura periférica podem ser utilizadas para estabelecer um diálogo com os conteúdos da Geografia Escolar. Segundo Cassab (2021) as/os jovens cotidianamente produzem e (re)organizam o espaço e a si mesmas/os. Nesse sentido, práticas espaciais relacionadas à mobilidade urbana (deslocamentos para chegar aos eventos) e apropriação dos espaços públicos possibilitam compreender a cidade como uma espacialidade geográfica e possuem potencial para que as/os jovens escolares compreendam os conteúdos geográficos vinculados à formação do espaço urbano, que por sua vez, se articulam às categorias paisagem, lugar e território, bem como conceitos de centralidade, segregação socioespacial e espaços públicos.

Segundo Callai (1999) a seleção de conteúdos que serão abordados em sala de aula deve oportunizar que as/os estudantes consigam realizar análises geográficas, assim, considerar as suas realidades possibilita que os temas abordados sejam menos abstratos e mais interessantes ao situá-las/os no mundo. As sugestões apresentadas nas linhas subsequentes têm o Mapa 1 (Marques, 2024) como elemento orientador, visando também à promoção do aprendizado da linguagem cartográfica.

A BNCC - Ensino Fundamental Anos Finais estabelece, dentre outros, que a Geografia deve desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão da produção do espaço. O 8º ano é a etapa que mais dialoga com a cultura periférica, especificamente as habilidades: “(EF08GE03) Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial)” (Brasil, 2018, p. 388); “(EF08GE16) Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho”; e “(EF08GE17) Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos” (Brasil, 2018, p. 399).

Mapa 1 - Espacialização dos coletivos da cultura periférica de São Paulo (SP) e as relações com percentuais de população jovem, população negra e renda média mensal dos distritos², 2024



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O Mapa 1 evidencia que a maior parte dos coletivos culturais de São Paulo estão localizados em distritos que possuem elevado percentual de pessoas jovens e negras, além de possuírem renda média mensal mais baixa. Isso se alinha com as juventudes que elaboram a cultura periférica, majoritariamente jovens negras/os empobrecidas/os. A habilidade EF08GE03 da BNCC é contemplada nessa relação entre coletivos e perfil socioeconômico dos distritos.

² Outros mapas sobre a espacialização da cultura periférica em diferentes cidades, bem como a relação com os dados socioeconômicos e a representação dos deslocamentos juvenis, podem ser encontrados em Marques (2024).

As habilidades EF08GE16 e EF08GE17 também podem ser contempladas a partir do Mapa 1. A espacialização da cultura reflete dinâmicas populacionais relacionadas à mobilidade nas grandes cidades latino-americanas, como São Paulo, uma vez que muitas manifestações culturais não ocorrem nos bairros de suas/seus frequentadoras/es, assim, participar dos eventos implica em deslocamentos pela cidade que ocorrem principalmente a partir do transporte público, que comumente não apresenta condições plenamente adequadas para uma mobilidade de qualidade. Nesse sentido: quais são os desafios ligados à mobilidade que as juventudes enfrentam?

Além disso, é possível discutir sobre a segregação socioespacial nas cidades. A criação da cultura periférica está diretamente ligada à estruturação das grandes cidades, marcadas por barreiras socioespaciais, em que foi necessário criar manifestações culturais mais acessíveis às classes populares, que se oponham a uma cultura de centro e que abordem temas mais próximos do cotidiano periférico. Porém, o centro das cidades não perde importância, conforme defendido em Marques (2024), uma vez que essa área tem forte caráter simbólico, ocupá-la demonstra resistência. Esse debate pode ser associado ao conteúdo de centralidades, uma vez que os eventos da cultura periférica criam centralidades cambiantes (Sposito, 2001) na cidade, com forte conteúdo cultural.

Na BNCC - Ensino Médio também há diferentes possibilidades. A Competência Específica 2 se refere à formação de territórios e fronteiras, e à produção de territorialidades por parte das/os agentes sociais. Especificamente a habilidade EM13CHS202 determina “[...] Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis” (Brasil, 2018, p. 573). As culturas juvenis são destacadas como criadoras de territorialidades que possuem pertinência no ambiente escolar.

Assim, a espacialidade da cultura periférica revela territorialidades, as/os jovens se apropriam de espaços públicos para realizarem as batalhas de rima, slams e saraus. Esses locais assumem contornos de um território que desafia a ordem hegemônica que, frequentemente,

busca cercear as territorialidades juvenis. Nos espaços públicos, as relações de poder são evidentes, seja na coexistência da diversidade ou nos conflitos comuns entre jovens e a vizinhança dos locais ou a polícia, que entendem as juventudes periféricas como desordeiras ou irresponsáveis. Nesse âmbito, o debate sobre a importância dos espaços públicos nas cidades também pode ser abordado, são locais que proporcionam lazer e sociabilidade para a população em geral, sendo que a cultura periférica destaca a importância de sua existência.

A Competência Específica 4 pretende que as/os jovens escolares compreendam as relações de produção, capital e trabalho, analisando indicadores de emprego, trabalho e renda para entender as diferentes sociedades e situar as juventudes. A habilidade “(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais”, oportuniza debater a relação entre trabalho e juventudes, tema pertinente na contemporaneidade dadas as dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

A partir de Telles (2006) entendemos que as/os jovens têm encontrado um mundo revirado, em que o trabalho precário e o desemprego são situações presentes e preocupantes. No diálogo com a cultura periférica é possível debater como as/os jovens produtoras/es culturais e artistas vivem em uma economia da viração (Telles, 2006), inseridos no mercado de forma precária e informal. Essa instabilidade relacionada à renda faz com que muitas/os jovens não consigam garantir sua sobrevivência a partir da arte, sendo necessário ter empregos paralelos, que por sua vez, dificultam a prática da cultura periférica e a própria experiência juvenil.

A Competência Específica 6 está ligada à construção da cidadania, especialmente para que as/os jovens escolares percebam o papel da política na vida pública. A habilidade EM13CHS606 demanda a análise de características socioeconômicas da sociedade brasileira e a proposição de medidas para enfrentar os problemas identificados. A cultura periférica se expressa como atuação cidadã e forma de fazer política, por exemplo, por meio dos seguintes

aspectos: trata-se de uma reivindicação do direito à cidade realizada pelas juventudes; temas sociais que atingem populações socialmente marginalizados são constantemente abordados nas poesias e raps, principalmente como denúncia ao racismo, à discriminação de gênero, à desigualdade socioeconômica, à violência e às experiências periféricas; as juventudes sociabilizam e se apropriam do espaço urbano; jovens da cultura também fazem parte de movimentos sociais; e há tentativas de participação no debate público sobre questões culturais, mas também relacionadas a outros temas, como mobilidade, habitação e violência contra as juventudes. Como forma de apresentar as reivindicações das juventudes e sua atuação cidadã, é possível utilizar os raps e poesias como recurso didático.

Por fim, há a possibilidade de discutir categorias como paisagem, lugar e território e que podem ser articuladas às habilidades apresentadas. Paisagem pode ser trabalhada a partir das modificações na paisagem urbana que as/os jovens empreendem, elas/os registram sua presença nos espaços públicos através de grafites e lambe-lambe³. Lugar pode ser abordado com base na identidade e sentimento de pertencimento que possuem com as periferias que residem, ressaltando suas fragilidades, mas também potências. Território pode ser debatido no processo de apropriação dos espaços públicos, nas relações de poder conflituosas com vizinhanças e a polícia, e na exaltação da reunião de jovens de diferentes locais em uma determinada área, estabelecendo um território.

Cultura periférica como ferramenta metodológica e recurso didático

A cultura periférica utiliza linguagens que podem ser apropriadas pelo ensino de Geografia. Nas batalhas de rima, o rap é central, sendo também um elemento do movimento Hip Hop. Nos slams, a poesia tem destaque. Tratam-se de linguagens presentes no cotidiano das/os jovens escolares, elas/es escutam músicas e acionam referências musicais em diferentes momentos de suas vidas, como, por exemplo, nas aulas. É comum ouvir alguma/m

³ Intervenção artística em que papéis contendo desenhos, poesias ou raps são colados nos espaços públicos como forma de transmitir alguma mensagem.

estudante dizer: “tem uma música que representa isso”. Na cultura periférica, a poesia e a música possibilitam que as/os jovens se expressem, colocando seus anseios, reflexões sociais e denúncias nas produções, acioná-las permite que a/o estudante reflita sobre os temas abordados pelas/os artistas. O Quadro 1 apresenta exemplos de poesias que podem ser utilizadas em sala de aula para discutir conteúdos geográficos.

Quadro 1 - Poesias da cultura periférica para utilizar nas aulas de Geografia

Poesia	Artista	Trecho	Conteúdos geográficos
Na ponta do abismo ⁴	Carol Dall Farra	Na ponta do abismo lá vai a mãe preta / Aguenta o infinito num corpo / que o grito socorro acusa suspeito / não chora nem fala das mortes diárias / pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido: / - preta é firme! / Teu corpo foi alvo da falta de amor / teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu / quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza / por causa da cor / Mas preto é forte, sempre ouvi falar... [...] Mãe preta resiste / desde que não sabia o que era existir / Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego / dos atrasos da história que traçaram teu destino / Mãe preta que pariu no reboliço / e trouxe com muito ofício / outra preta que não sorriu / filha de Preta! / Que com a vida já traçada / me desfiz de tanta tralha / com grito de cansaço / entalado na garganta / e os bicos de diarista / entalado na minha herança [...]	- Diáspora África-Brasil - Mercado de trabalho no Brasil - Desigualdade de renda e transmissão geracional do racismo - Violência nas periferias e favelas
Abya Ayla ⁵	Mileny	Na escola eu aprendi que quem descobriu a América foi um cara chamado Cristóvão Colombo [...] Abya Yala é o nome desse continente / dado pelos povos originários / É maia teu calendário / É guarani seu vocabulário. Maputi, Inca, Asteca, Yanomami / Cada povo aqui será lembrado / Resistência, ancestralidade / que se lembre da luta, apesar da dor / A	- Formação do Brasil - Colonização

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EpLbOEI97jg>.

Poesia	Artista	Trecho	Conteúdos geográficos
		culpa cristã por existir é herança de colonizador / É que nem a King escreveu: / "A Europa é um continente tão egocêntrico que a palavra europeu começa com eu e termina com eu" / Roubaram nosso ouro / nossa comida / e ainda estão lambendo os pratos / Prefiro meus vira-lata caramelo [...] No nosso sangue corre samba, funk, bossa e hip hop [...] Prefiro o arroz e feijão da minha avó / que foi outra vítima da catequização [...]	- Heranças culturais da América Latina
Histórias ⁶	Matriarcak	Oi nana neném / que a bala vem pegar / de farda e coturno / é a polícia militar / homem armado em cima do telhado / que mata gente / mata gente / mata gente preta com o aval do estado / tem história que não se repete / mas eu tô cheia delas pra contar / tem coisa que só sentindo na pele / porque se eu falar não dá pra acreditar / outro dia ouvi um tiro no morro / sai na rua sem entender nada / logo em seguida o grito da mãe / mais uma criança assassinada / era assalto / mas não tinha a faca não tinha fuzil nem portava a pistola / mas por trás da camisa furada só tinha mochila com os livros da escola / e de um lado os homens de farda / que se orgulhava e batia no peito / do outro lado mais uma mãe calada / que enterra seu filho com tiro no peito / aqui não existe respeito / e não é o estado quem dá o suporte / mas pra quem tem esse privilégio / matar preto e criança por esporte [...]	- Violência nas periferias e favelas - Território - Desigualdades socioespaciais
Despejo ⁷	Carol Braga	Atenção, atenção / estou aqui diretamente de Coimbra, Portugal / para marcar no calendário o nosso despejo um padre, / um advogado, um grupo de idosos e uns herdeiros / assinaram um acordo: / lugar de mulher é do lado de fora da minha casa / lugar de imigrante é do lado de fora de Portugal / é dito: do lado de fora vocês também não podem ficar / coisa que se despeja / aquilo que se deita fora, dejetos, imundície, lixo / ato de evacuar / qual tipo de identidade uma imigrante pode criar? / uma cidadania que não é permitida	- Questão migratória - Xenofobia - Globalização - Lugar

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k_PYbbZOYFk.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CD64F3WW2f4>.

Poesia	Artista	Trecho	Conteúdos geográficos
		ser / num sentido que ainda não é / estar entre / agora mesmo estou sem margens / muito estrangeira para voltar pra casa, / mestiça demais para estar aqui / nunca o bastante para nem cá nem aí / na beira da ponte dos não-lugares / onde ninguém fica / é só parte do caminho / nunca num lado nem no outro / é tão ruim assim não pertencer? / no final, a gente cria essa ilusão globalizada / de que não pertencemos, / porque não temos terra quem não tem terra / para morar, / não é fértil [...]	

Fonte: Organizado pela autora (2026).

Tratam-se de sugestões que podem subsidiar a abordagem dos conteúdos geográficos, bem como complementar outras estratégias metodológicas. Carol Dall Farra contribui para a problematização das consequências da diáspora África-Brasil, que relegou mulheres negras à condição de escravizadas, evidenciando a existência de uma transmissão geracional do racismo. Tal processo repercute diretamente na posição ocupada por essas mulheres no mercado de trabalho desigual, a exemplo das trabalhadoras domésticas.

Histórias de Matriark possibilita a problematização do processo de urbanização a partir da exploração das vivências nas periferias e favelas, permitindo compreender as múltiplas formas de violência às quais a população está exposta e que incidem de maneira mais intensa sobre as juventudes. Além disso, a discussão de território torna-se viável a partir da análise das territorialidades em disputa nesses espaços, tais como aquelas exercidas pelas forças policiais e pelas redes de tráfico.

Abya Ayla, de Mileny, favorece a ruptura com perspectivas eurocêntricas acerca da formação territorial dos continentes, em especial da América, possibilitando a apreensão da formação social e territorial do Brasil, os desdobramentos do processo de colonização e a consequente invisibilização das histórias e das/os sujeitas/os do continente americano no período anterior à colonização. Ao mencionar os povos que habitavam e ainda habitam o

território Abya Ayla, a poeta enseja a problematização das heranças culturais latino-americanas no contexto escolar.

Por fim, Carol Braga, em Despejo, mobiliza sua experiência enquanto mulher imigrante em Portugal para discutir a questão migratória e os efeitos da xenofobia sobre pessoas estrangeiras. A partir da representação de um despejo, torna-se possível abordar o fenômeno da globalização e explorar as categorias de lugar e território, considerando que migrantes buscam construir sentidos de pertencimento em novos contextos espaciais, ao passo que vivenciam processos de desterritorialização. O Quadro 2 apresenta trechos de raps que podem ser utilizados em sala de aula.

Quadro 2 - Raps da cultura periférica para utilizar nas aulas de Geografia

Rap	Artista	Trecho	Conteúdos geográficos
Da ponte pra cá ⁸	Racionais MCs	[...] Não adianta querer, tem que ser, tem que pá / O mundo é diferente da ponte pra cá [...] Ai, ai, ai / Outra vez nós aqui, vai vendo / Lavando o ódio embaixo do sereno / Cada um no seu castelo, cada um na sua função / Tudo junto, cada qual na sua solidão / Ei, mulher é mato, a Mary Jane impera / Dilui a rádio e solta na atmosfera / Faz na quebrada o equilíbrio ecológico / Que distingue o Judas só no psicológico / Ó, filosofia de fumaça, analise / Cada favelado é um universo em crise / Quem não quer brilhar, quem não, mostra quem? / Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém / Quantos cara bom, no auge se afundaram por fama / E tá tirando dez de Havaiana? / E quem não quer chegar de Honda, preto em banco de couro / E ter a caminhada escrita em letras de ouro? [...]	- Território - Formas urbanas - Formas simbólicas - Periferias e favelas brasileiras
Periferia é periferia ⁹	Racionais MCs	Este lugar é um pesadelo periférico / Fica no pico numérico de população / De dia a pivetada a caminho da escola / À noite vão dormir enquanto os manos "decola" / Na farinha... hã! Na pedra... hã! / Usando droga de monte, que merda! hã! / Eu sinto pena da família desses cara / Eu sinto pena, ele quer mas ele não para! / Um exemplo muito ruim pros moleque / Pra começar é rapidinho e não tem breque / Herdeiro de mais alguma Dona Maria / "Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!" / Porque o chefe da casa, trabalha e nunca está / Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar / O trabalho ocupa	- Urbanização brasileira - Periferias e favelas brasileiras

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VDYRbLOdTAI>.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jnu-jOJBafc>.

Rap	Artista	Trecho	Conteúdos geográficos
		todo o seu tempo / Hora extra é necessário pro alimento / Uns reais a mais no salário / Esmola de um patrão, cuzão milionário! / Ser escravo do dinheiro é isso, fulano / 360 dias por ano, sem plano / Se a escravidão acabar pra você / Vai viver de quem? Vai viver de quê? / O sistema manipula sem ninguém saber / A lavagem cerebral te fez esquecer / Que andar com as próprias pernas não é difícil / Mais fácil se entregar, se omitir / Nas ruas áridas da selva / Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra / Aqui a visão já não é tão bela / Não existe outro lugar / Periferia (gente pobre) / Aqui a visão já não é tão bela / Não existe outro lugar / Periferia é periferia [...]	- Mobilidade urbana - Desigualdade de renda - Território
Um bom lugar ¹⁰	Sabotage	Sou Sabotage, um bom lugar / Se constrói com humildade, é bom lembrar / Aqui é o mano Sabotage / Vou seguir sem pilantragem, vou honrar, provar [...] É Santo Amaro a Pirituba o pobre sofre, mas vive / A chave é ter sempre resposta àquele que inflige / A lei na blitz, pobre tratado como um cafajeste / Nem sempre polícia aqui respeita alguém / Em casa invade, a soco ou fala baixo ou você sabe / Maldade, uma mentira deles, dez verdades [...] Mas que calor o suor desce a gente esquece o que sucede / Os truta tudo da hora não demora dão uma mola e curte o rap / Compromete vários manos que dançando break/ Roda no meio da gente, entende, é atraente / Isso é lição pra mim como inspiração importante sim/ Não é qualquer que segue em frente e dança um bom break / RZO é nossa sigla representa tudo que eu vejo / O grafite na parede já defende algum direito, daquele jeito / Assim que é tem que por fé, não de ré / Bota fé no que é, não nos mané / Eu vejo a correria todo dia quem acredita não é de hoje / Na São Bento eu me lembro, eu assistia não resistia / Voltava rimando no busão igual computador tututututu [...]	- Lugar - Território - Paisagem urbana - Desigualdade socioespacial - Cultura periférica
Globalização ¹¹	BranKobran	A que custo que nós temos hoje a globalização? / Me pergunto por trás disso, qual que é a intenção? / No conceito, nada mais que um processo de integração / Em dimensão gigantesca, uma grotesca proporção / Tem noção? / Na teoria é a união de nações / Na economia ou política, estabelecer relações / Facilitação brutal da comunicação global / Produtos estrangeiros em prateleira nacional / Vinho francês, charuto cubano, terno italiano / Carro japonês, computador americano / Vodka russa, cerveja alemã, peças de Taiwan / Muamba do paraguai em pedro juan caballero / Matéria prima e recurso brasileiro / Globaliza pro mundo inteiro seu dinheiro meu parceiro / As tecnologias e inovações / São pra cidadãos	- Globalização - Divisão internacional do trabalho - Relações internacionais

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GA7LcSX8tYE>.

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=O47g2FJNKuE&list=RDO47g2FJNKuE&start_radio=1.

Rap	Artista	Trecho	Conteúdos geográficos
		humildes ou grandes corporações? / Globalização capitalista / Exploração de mão-de-obra, põe na lista / Multinacional com país pobre em vista, invista / Insista na lógica consumista [...]	- Capitalismo
Agrotóxico ¹²	BranKobran	Nos iludem com falsas promessas de melhorias / Dizendo que estão ocupados projetando tecnologias / Com finalidades duvidosas / Para o povo a princípio indiferentes mas pra empresas valiosas / Focando no conceito "alimentar" / Eu me ouso a perguntar se o conceito é mesmo de alimentar / Ou se é lucrar em cima da gente / Transformando o Brasil em um agente exportador pra continente / Abre a mente porque eu atesto! / O melhor é exportado e nós ficamos com o resto... Do veneno / [...] Drogas alimentícias servidas no prato / Querendo ou não, você agora é um drogado / Toma "tóxico" pra dentro desde pequeno / Mas se liga porque as vezes tem comida no veneno [...] Agricultores familiares nos seus lares já não mandam mais / Se quiserem apoio, rejeitam sua ideologia e se juntam ao moio / Dessas grandes orgias transnacionais / Pra mim já é demais / Biosustentabilidade na verdade um escambau / Usa transgênico que rola um incentivo fiscal / Isenção de imposto de até 100% / No talento destruir planeta é entretenimento / No momento, o povo brasileiro é o refém [...] O mundo é natureza, a natureza se constrói / O homem vive a incerteza que é de sua natureza / E sem motivo e com firmeza a natureza ele destrói / Se destruindo e se esvaindo de toda sua beleza [...]	- Espaço agrário brasileiro - Agronegócio - Agricultura familiar - Conflitos no campo - Exportação e importação - Capitalismo

Fonte: Organizado pela autora (2026).

Os raps configuram-se como recursos didáticos potentes para a abordagem de conteúdos vinculados ao espaço urbano. “Da ponte pra cá”, dos Racionais MCs, explicita o cotidiano das periferias da zona sul de São Paulo. A expressão que intitula o rap permite mobilizar o conceito de formas urbanas, ao evidenciar a ponte como elemento de diferenciação espacial na paisagem, dotado não apenas de materialidade, mas também de conteúdo simbólico. Ainda é possível problematizar a categoria território, ao explicitar as relações de poder e os conflitos que marcam a inserção das periferias e favelas no espaço urbano brasileiro.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4TEWTO01igU>.

No rap “Periferia é periferia”, os Racionais MCs apresentam uma leitura crítica do processo de urbanização brasileira, delineando um retrato do cotidiano nas periferias e favelas, nas quais a classe trabalhadora predomina, profundamente atravessada pelas desigualdades de renda. A temática da mobilidade urbana também se faz presente, ao evidenciar as dificuldades estruturais enfrentadas pela/o trabalhadora/or no deslocamento cotidiano, revelando a dimensão desigual do acesso à cidade.

Sabotage, em “Um bom lugar”, explora as relações de identidade e pertencimento associadas à “quebrada”, possibilitando a abordagem da categoria lugar enquanto construção social permeada por identidades e experiências vividas. Simultaneamente, o rap abre espaço para a discussão de território, a partir das relações de coexistência e de poder, expressas, por exemplo, em códigos de conduta e normas implícitas que orientam a vida cotidiana. A música também oferece um retrato da paisagem urbana paulistana, ao mencionar elementos como os grafites nos muros. Nesse contexto, a desigualdade socioespacial emerge como eixo transversal de análise.

Por fim, os raps “Globalização” e “Agrotóxico”, de Brankobran, configuram-se como “raps geográficos”, nas palavras do artista. No primeiro, evidencia-se a divisão internacional do trabalho, ao demonstrar as distintas formas de inserção dos países no circuito da economia capitalista, o que também remete ao debate das relações internacionais. O consumo, entendido como elemento estruturante do capitalismo contemporâneo, também é tematizado, com ênfase na circulação global de mercadorias.

No segundo rap, há uma representação crítica do espaço agrário brasileiro, destacando as relações conflituosas entre agricultura familiar e agronegócio. Este último é associado à degradação ambiental intensiva, ao uso de agrotóxicos prejudiciais à saúde e à utilização de estratégias de autopromoção baseadas em publicidades enganosas. O rap permite analisar o papel do capitalismo na conformação do espaço agrário, bem como as dinâmicas de exportação e importação orientadas pela maximização do lucro por parte dos agentes hegemônicos do setor.

A cultura periférica como ferramenta metodológica foi utilizada em uma experiência anterior (Marques; Fonseca, 2017), em que desenvolvemos uma oficina sobre rap em uma escola pública, como atividade as/os estudantes elaboraram raps para abordar conteúdos da Geografia que os interessava mais. Ao final da oficina, as/os jovens foram questionadas/os se consideravam que o rap poderia contribuir para as aulas, dentre as respostas estão: “Sim, pois a música fica na cabeça”, “Porque a letra de música é mais direta, é mais fácil decorar uma letra de música do que um texto”, “Porque fica mais fácil a compreensão e ativa a vontade de aprender mais”, e “Porque somos jovens e precisamos de algo que nos faz abrir mais a mente” (Marques; Fonseca, 2017, p. 190). Desse modo, a/o professora/or pode ensinar sobre determinado conteúdo e solicitar que as/os jovens escolares construam raps e poesias para representar o que entenderam, essa iniciativa foge de atividades convencionais como um resumo e estimula a criatividade.

Em outra experiência (Turra Neto; Marques; Santos, 2025), a cultura periférica foi utilizada como ferramenta metodológica no âmbito de um projeto de extensão em uma escola pública, objetivamos articular os saberes dos coletivos juvenis acerca das questões raciais e de gênero, àqueles do espaço formal da escola, para pensarmos em formas de superar distâncias entre estes espaços formativos. Para tanto, 10 oficinas pedagógicas foram realizadas nas aulas de Geografia, com turmas do 2º ano do Ensino Médio, para discutir sobre culturas juvenis, periferias, ativismos juvenis e produção do espaço urbano a partir de raça e gênero.

O intuito do ciclo formativo foi demonstrar como as culturas juvenis transformam o espaço urbano, tensionam o conceito de periferia e pautam os temas sociais. Um coletivo de slam, Slam Quilombo de Dandara, da cidade de Presidente Prudente (SP) (onde a experiência ocorreu), foi convidado para participar do projeto. Poetas realizaram uma formação sobre como construir poesias, destacando que a linguagem pode ser apropriada por diferentes pessoas. Ao fim do ciclo formativo, as/os estudantes construíram suas próprias poesias sobre os assuntos abordados em sala de aula. A culminância foi um sarau na escola, em que as/os estudantes recitaram suas poesias (Turra Neto; Marques; Santos, 2025).

O projeto possibilitou aproximar as/os jovens escolares dos coletivos culturais juvenis, estabelecendo um diálogo entre a educação formal e a não formal. As poesias elaboradas e recitadas pelas/os estudantes demonstraram que o processo formativo as/os possibilitou entender suas posições nas cidades, sobretudo, enquanto mulheres negras e não-negras e homens negros, que em suas produções evidenciaram como é ser um corpo negro em cidades estruturalmente racistas, bem como é ser mulher.

Por fim, o processo formativo colocou as juventudes como protagonistas, uma vez que o ensino foi mediado pela cultura periférica. Vídeos de poetas recitando e rappers cantando foram exibidos para dialogar com os temas abordados, além disso, as/os jovens escolares tiveram que interpretar poesias de outras/os artistas e socializar seus entendimentos. Desse modo, há diferentes formas de contemplar a cultura periférica nas aulas de Geografia, potencializando o processo de ensino e aprendizagem através da criatividade, imaginação, sensibilidade e interpretação de culturas juvenis, e contribuindo para que as/os jovens escolares entendam suas possibilidades de protagonismo e atuação cidadã.

Considerações finais

Ressaltamos, ao longo deste texto, que as juventudes da cultura periférica, bem como as/os jovens escolares, produzem espacialidades e transformam o espaço geográfico. Suas práticas espaciais são pertinentes de serem analisadas pela ciência geográfica e abordadas no ensino de Geografia, seja como conteúdo, ferramenta metodológica ou recurso didático.

Em consonância com Cavalcanti (2023), consideramos que a Geografia tem que ensinar as/os estudantes a pensarem sobre os problemas sociais e territoriais e a se posicionarem nos contextos estudados. Nesse sentido, defendemos que o diálogo entre a cultura periférica e os conteúdos da Geografia Escolar pode potencializar esse processo. Os raps e poesias são atrativos e possuem linguagens do cotidiano juvenil, assim como as práticas espaciais juvenis da cultura periférica são comuns às/aos jovens escolares. Além disso, aquelas/es que não participam da referida manifestação, podem fazer parte de outras culturas juvenis e

enfrentarem questões similares. Nesse processo, faz-se fundamental que a/o professora/or entenda a importância de valorizar os saberes que circulam na cultura periférica e o próprio cotidiano das/os estudantes.

Como conteúdo da Geografia Escolar, a cultura periférica permite pautar o debate das categorias da Geografia e temas ligados ao espaço urbano, para além disso, oportuniza o entendimento de princípios como localização, comparação, conexão e escalaridade. Como ferramenta metodológica, ela pode estruturar as aulas de Geografia, como, por exemplo, por meio da construção de raps e poesias. Como recurso didático, os conteúdos das produções artísticas podem ser apresentados através de músicas, poesias, vídeos e imagens, e interpretados pela/o professora/or e pelas/os estudantes.

Portanto, a partir dos caminhos aqui apresentamos, esperamos que as/os professoras/es identifiquem possibilidades de atuação no ensino de Geografia, possibilitando tornar os conteúdos mais significativos às/aos estudantes, acolher as/os jovens escolares em suas diversidades, problemas e anseios, e auxiliar na construção de seus projetos de vida e em outro projeto de sociedade que reconheça, de fato, a centralidade e a potência das juventudes.

Agradecimentos

Agradeço ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (LEPEG) e à comissão organizadora do “I Seminário Desafios sobre a Geografia no Ensino Médio e XIX Seminário Educação e Cidade”, realizado na Universidade Federal de Goiás em 2025, pelo convite de participação no evento e de escrita deste texto.

Referências

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 25-36, maio/dez., 1997. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2026.

BARBOSA, J. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa (PPGEO/UFF) - I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 1, n. esp., p. 1-6, maio, 2013.

Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17964>. Acesso em: 4 mar. 2026.

BRASIL. M. E. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

CALLAI, H. C. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. *et. al.* (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 57- 63.

CARRANO, P. C. R. **Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/1984>. Acesso em: 27 fev. 2026.

CASSAB, C. “Cidade estranha, sabes que existo?”: o jovem como sujeito e a cidade que ensina. In: FERNANDES, M. L. B.; LOPES, J. J.; TEBET, G. G. C. (org.). **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias: temas, fronteiras e conexões**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 237-264.

CAVALCANTI, L. S. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998. p. 87-136.

CAVALCANTI, L. S. Juventudes, ensino de geografia e formação/atuação cidadãs. In: OLIVEIRA, V. H. N. (org.). **Geografia das juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 155-179.

D’ANDREA, T. P. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

DAMIANI, A. L. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, A. F. A. (org.). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 50-61.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out., 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Acesso em: 27 fev. 2026.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, set./dez., 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>. Acesso em: 26 fev. 2026.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LOPES, A. C. Itinerários formativos na BNCC do ensino médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 59-75, jan./maio, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v13i25.963>. Acesso em: 6 jun. 2026.

MARQUES, A. C. S. **Práticas espaciais da cultura periférica de jovens mulheres negras na constituição de periferias vivíveis**. 2024. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/258923>. Acesso em: 6 abr. 2026.

MARQUES, A. C. S.; FONSECA, R. L. O ensino de conteúdos geográficos a partir do hip hop. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 26, n. 2, p. 182-194, jul./dez., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2017v26n2p182>. Acesso em: 30 mar. 2026.

OLIVEIRA, V. H. N. (org.). **Geografia das juventudes**. Porto Alegre: GEPUVE, 2023.

OLIVEIRA, V. H. N. Geografias das juventudes: mapeando espacialidades juvenis. **GeoPUC**, Rio de Janeiro, v. 16, e. 00090, p. 1-9, nov., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.64238/geopuc.2024.90>. Acesso em: 20 abr. 2026.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

SANTOS, C. J. **Geografias insurgentes: práticas espaciais e a luta pela autonomia da juventude negra e periférica em Salvador**. 2022. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36953>. Acesso em: 4 abr. 2026.

SOARES, P. G.; MELLO, E. M. B. A BNCC das competências e a perspectiva de inovação pedagógica de viés tecnológico e regulatório: caminhos para a resistência. **Educação**, Santa Maria, v. 49, n. 1, p. 113-122, jul., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644468694>. Acesso em: 6 jun. 2026.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. *In*: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Textos e contextos para a leitura de uma cidade média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001. p. 235-254.

TELLES, V. S. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 173-195, jun., 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000100010>. Acesso em: 1 abr. 2026.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. *In*: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2015. p. 119-135.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105044>. Acesso em: 5 abr. 2026.

TURRA NETO, N.; MARQUES, A. C. S.; SANTOS, F. A. Tecendo redes entre coletivos culturais juvenis e escola. **Pesquisar**, Florianópolis, v. 12, n. ed. esp., p. 113-136, jul., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2359-1870.2025.e107477>. Acesso em: 6 abr. 2026.